

CONCURSO DE PRENDA E PEÃO TRADICIONALISTA

TRADIÇÃO GAÚCHA

A tradição é o ato de transmitir os fatos culturais de um povo, através de suas gerações. É a transmissão das lendas, narrativas, valores espirituais, acontecimentos históricos, hábitos inveterados, através dos tempos, de pais para filhos. É a memória cultural de um povo. A tradição gaúcha significa o rico acervo cultural e moral do Rio Grande do Sul, no campo literário, folclórico, musical, artesanato, esportes e atividades rurais. É o culto à memória dos feitos de seu povo. O povo gaúcho deve se orgulhar de possuir tão bela tradição, que ostenta o chimarrão, a doma, o fandango, o pealo, a marcação, as lendas, as pilchas, a música, a poesia, os causos, as trovas, etc.

TRADICIONALISMO GAÚCHO

Tradicionalismo é a arte de colocar em movimento as peças de uma tradição. É basicamente, um movimento.

O Tradicionalismo gaúcho é um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitância com o progresso.

CENTROS DE TRADIÇÕES GAÚCHAS, (CTG)

São entidades associativas com finalidade sócio cultural.

A nomenclatura simbólica, que traduz para a linguagem campeira a nomenclatura convencional. Assim, o presidente passa a ser denominado “patrão”; o vice-presidente “capataz”; o secretário “sota-capataz”; o tesoureiro “agregado das pilchas”; o assessor de comunicações “agregado das falas” ou chirú das falas; presidente de honra “patrão de honra”; o conselho deliberativo “conselho de vaqueanos”; e o conselho fiscal “conselho de fiscal de vaqueanos”.

Os CTG ainda podem ter: diretor artístico, cultural, chefe da campeira, diretor de esportes, etc.

Além da patronagem, ainda elegem suas primeiras, segundas e terceiras prendas, das modalidades mirim, juvenil e adulta.

MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO (MTG)

Em 01/07/1954, iniciava-se o primeiro Congresso Tradicionalista, no CTG Ponche Verde, de Santa Maria.

Em 17/12/1959, no VI Congresso Tradicionalista, foi criado o Conselho de Coordenadores, visando coordenar o próximo ano tradicionalista. Estes coordenadores são espalhados nas cidades em todo o Rio Grande do Sul.

REGIONALISMO GAÚCHO

Em julho de 1961, no VII Congresso Tradicionalista, em Tramandaí, foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, de autoria de Glaucus Saraiva.

Em 28 de outubro de 1966, no XII Congresso Tradicionalista Gaúcho, em Tramandaí, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho- MTG. Estava criado um organismo federativo, com papel aglutinador, sob filiações. Coordenaria as ações dos CTG.

CHAMA CRIOLA

O Fogo Simbólico simboliza a Pátria Brasileira, semana ligada ao 7 de setembro. É o culto cívico da Semana da Pátria.

O fogo é o símbolo da fertilidade, do calor e da claridade, fogo é luz. O fogo é a cepa criadora da chama. A Chama é o ardor, a paixão.

Assim como o Fogo Simbólico aquece o sentimento pátrio, a Chama Crioula encarna a magnitude de nossa Tradição Gaúcha.

Em setembro de 1947, visando simbolizar a ronda ao cultivo das mais caras tradições, folclorista PAIXÃO CORTES, liderando um grupo de estudantes do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos de Porto Alegre, tomando uma centelha do Fogo Simbólico da Pátria, instituiu as comemorações farroupilhas e a chama crioula, na primeira semana farroupilha de 1947, se transformou num símbolo do gaúcho. A Chama Crioula é a alma gaúcha. Os Farroupilhas, que ao longo de 10 anos, escreveram com letras de sangue, a história sul-rio-grandense, são a célula mater de um predestinado ideal de liberdade, igualdade e humanidade, hoje arraigada ao palanque de honra, rebrota a luz da dignidade, tão buscada pelos farrapos, para não deixar macular o brio de um povo.

A ronda da Chama Crioula é a expressão do orgulho e do ideal dos gaúchos. Ela está no espírito de fraternidade, que busca a aproximação dos povos, na convivência social.

FOLCLORE GAÚCHO

O Folclore tem seu pilar de sustentação no saber popular, no campo da simplicidade, sem qualquer participação planejada. É a ciência que agrega a cultura corrente de um povo. Estuda os fatos sociais, culturais, artísticos ou tradicionais de um

povo. Para um fato ser incluído na galeria folclórica, deve merecer a aceitação do domínio público, afirmando-se com o passar dos anos, como popular.

REGIONALISMO

Regionalismo é a corrente artística voltada a os temas da terra e se inspira nos elos regionais. É o sentimento expresso na guarda de um patrimônio local. Movimento que trata dos interesses de uma região. O regionalismo se alicerça na maneira especial de falar, cantar, declamar, cumprimentar, alimentar-se, etc.

O mais tradicional regionalismo gaúcho é o hábito do chimarrão, marcante gesto de convivência, que leva de mão em mão, a seiva da hospitalidade.

O nosso dicionário crioulo é tão rico, com palavras como: gaudério, changa, abichornado, charla, cherenga, vaqueano, parreheiro, etc.

O regionalismo surgiu em 1868, com a fundação da sociedade Paternon Literário, desabrochou com Vargas Neto, Augusto Mayer, Pedro Raimundo, Simões Lopes Neto, etc, frutificou com Aureliano de Figueiredo Pinto, Zeca Blau, João Otávio Nogueira, Paixão Cortes, Barbosa Lessa, Glaucus Saraiva, Jayme Caetano Braum, Aparício Silva Rilo, Dimas Costa, Irmãos Bertussi, Tio Bilia, Gildo de Freitas, Ademar Silva, etc.

NATIVISMO GAÚCHO

Nativismo é tudo aquilo que é próprio do lugar de nascimento, natural, não adquirido e que conserve as características originais.

O Rio Grande do Sul, a partir das trovas galponeiras, começou a gerar uma corrente Musical regionalista; Pedro Raimundo, Lupicínio Rodrigues, Teixeirinha, Gildo de Freitas, José Mendes, Tio Bilia, Irmãos Bertussi, Os Gaudérios, Dupla Mirim, Grupo Farroupilha, etc.

Na década de 60, com a criação do programa “Grande Rodeio Coringa” na rádio Farroupilha, com Paixão Cortes, Darci Fagundes e Luiz Menezes, é que a música gaúcha regionalista tornou-se popular em todos os quadrantes.

NATIVISMO, basicamente, é sentimento de defesa e amor ao pago nativo.

ERVA MATE

A erva-mate foi descoberta pelos índios Guaranis, antes do descobrimento do Brasil.

O chimarrão é um grande patrimônio da tradição gaúcha. Foi descoberto no estado do Paraná, pelo ano de 1554, em Guaira, era muito usado pelos índios. Uma nação de 300.000 índios guaranis, ensinado pelo deus tupã, deus indígena, a os pagés,

curandeiros. Consistia em torrar as folhas de uma certa árvore silvestre, fragmentá-las e coloca-las num pequeno porongo, com água morna, quase quente e chupar com um canudinho de taquara. Era o “caá-y”, que também era consumido como chá, fervido e até mascado, sob a forma natural, em folhas verdes ou secas.

Cientificamente a erva-mate é conhecida por *Illex Paraguariensis*. Planta silvestre e de grande abundância na bacia do prata.

CHIMARRÃO

A história do chimarrão ou mate-amargo, acompanha a evolução de nossa querência, onde se ouviu uma cuia roncando, por certo houve um gaúcho guapo, buscando seu caminho de afirmação. Era o tripé, pampa, cavalo e gaúcho.

A sua forma mais simples de fazer o chimarrão: coloque a aquecer a água, até ouvir o primeiro chiado da chaleira, não deixe ferver, depois pegue a cuia, coloque a erva-mate, mais ou menos $\frac{3}{4}$ da cuia, leve a erva toda para um lado da cuia, inclinando-a para um lado, usando a mão ou um utensílio plano, para formar o barranco, que deve ficar sempre no lado esquerdo da cuia, serve para ir renovando o chimarrão, sempre derrubando um pouquinho para dentro da cuia, coloque a água quente e deixe parada por mais ou menos um minuto, para inchar a erva, coloque a bomba ou antes de colocar a água, tome o primeiro chimarrão e faça os acertos necessário no barranco. Não se deve ficar mexendo na bomba e a cuia deve roncar para dar por terminado o chimarrão, que deve ser servido sempre numa roda, da direita para a esquerda, ou seja, no sentido anti-horário. Quem está servindo o chimarrão, deverá levá-lo até quem for a vez de tomar e este, após tomar, deverá levar a cuia até quem serviu. O chimarrão deve ser servido e recebido, sempre com a mão direita e com a bomba virada para a pessoa que a recebe.

O mate doce é exclusivamente feminino, onde a cuia é geralmente de porcelana. A água é a mesma do chimarrão, pode-se usar açúcar, açúcar queimado ou mel, colocando diretamente na cuia, cada vez que servir.

A cuia de chimarrão mais comum e tradicional é feita de porongo, uma cucurbitácea chamada “lavenaria vulgares”.

CHURRASCO

O churrasco e o arroz carreteiro são os dois pratos mais característicos da culinária gaúcha. Toda carne assada, chamamos de churrasco. O costume de comer carne assada não é recente, é milenar.

São muitas as formas de assar churrasco, sobre as brasas, labaredas ou sob o calor do fogo, com ou sem espetos. A forma mais rudimentar de assar churrasco, vem dos índios guaranis. Eles abriam um buraco no chão, forravam com folhas verdes,

cobriam com terra e um fogo em cima. O gosto das folhas servia como tempero, na falta do sal.

Para assar um bom churrasco, após escolhida uma boa manta de carne, coloca-se sal grosso, antes, durante ou depois de levar ao fogo, aí usando salmoura. Coloca-se afastado do fogo e após aquecido, pode-se aproximar um pouco mais da brasa. Para não ficar dura a carne, deve-se assar bem, primeiro do lado do osso, para depois virar a mesma. A costela deve ficar no fogo, no mínimo quatro horas.

O churrasco foi seiva que gerou uma raça gaúcha forte, está sempre presente na vida do campeiro gaúcho.

ARROZ DE CARRETEIRO

As carreteadas pelos pampas do Rio Grande do Sul, desde os primórdios da civilização, prestaram papéis relevantes ao nosso folclore. Durante longo tempo, o charque foi o produto de sua economia. A carne salgada e secada ao vento. Nas carreteadas tornou-se o prato preferido, pela rapidez de ser feito e sabor agradável, onde os dois ingredientes principais eram o arroz e o charque. Para servir oito pessoas, satisfatoriamente, tomamos os seguintes ingredientes: 800 gramas de arroz, 800 gramas de charque, 3 a 4 colheres de óleo ou banha, 5 xícaras de água quente, uma panela de ferro achatada é tradicional. O charque deve ser picado em pedaços não muito pequenos, após retirado o excesso do sal em banho d'água, de preferência desde o dia anterior ao uso. Quando a panela estiver com o óleo quente, coloque o charque e frite bem, depois o arroz e frite junto novamente, sempre trabalhando com a colher, para não queimar ou pegar ao fundo da panela, logo após, coloque a água quente, sal e temperos a gosto.

DANÇAS GAÚCHAS

O gaúcho, um ser andarilho, estava em constante contato com novas correntes culturais, nativas, espanholas, portuguesas, africanas, italianas, etc. No Brasil, os senhores de engenho, apresentavam as cavalhadas e as marujadas, apresentadas com clarins, clarinetes e tambores, cantos de louvor divino e bumba-meu-boi, visando em especial a fé religiosa. Duas correntes se formaram, uma dramática com fé religiosa e outra em brincadeiras, sem encenação. Nesta segunda, começou a participação da mulher, quando passou a não ter o apoio da igreja e estas festas passaram a ser realizadas nos salões. Eram danças ao som de instrumentos de cordas, com dançarinos de braços erguidos e soltos e com sapateios. Eram primitivas danças de várias origens étnicas, foram chamadas de fandango. Agregavam características de bate-pé ou sapateios. Foi aí que nasceram as danças do balaio, anu, tirana do lenço, chimarrita, maçanico, pezinho, chula.

Com o passar dos tempos, muitas danças foram ficando esquecidas. Era preciso um trabalho de pesquisa da coreografia original das danças gaúchas. Surgiu a iniciativa valorosa dos folcloristas Paixão Cortes e Barbosa Lessa. Muitas danças foram redescobertas. Foi um trabalho árduo, particular e corajoso. Percorreram o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, recolhendo coreografias tradicionais. Foi quando lançaram em parceria, o livro guia Manual de Danças Gaúchas. Hoje essas danças estão bem vivas em nosso folclore histórico.

Com o passar dos tempos, surgiram outras danças, foi o chote, a valsa, a milonga, a vaneira, o bugio, etc, todas de pares enlaçados. As danças de pares soltos foram tornando-se raras em fandangos. Já são comuns apresentações de danças estilizadas, com coreografias alteradas, como por Ex. o balaio em forma linear. O balaio é um utensílio circular e sua dança linear não é estilização e sim descaracterização.

ALGUMAS DANÇAS GAÚCHAS

TIRANA – dança de origem espanhola, porém difundida em Portugal. Dança de pares soltos e com sapateios..

ANU – dança de origem portuguesa. Dançada com pares soltos e sapateios intercalados de cantigas.

BALAIIO – dança de origem nordestina, que teve sua raízes na chula. É uma dança híbrida, com momentos de pares soltos e outros enlaçados, sempre com sapateios e giros das prendas. É uma dança de círculo.

CHIMARRITA – ou chamarrita, dança de origem açoriana, de roda, de pares soltos, posteriormente, pares enlaçados e alternância de forma.

DANÇA DOS FACÕES – dança de origem africana. Dança de peões guerreiros, munidos de dois facões, espadas ou facas. Dança eminentemente masculina.

Além das danças citadas, ressaltamos, o Pezinho, Sarrabalho, Caranguejo, Roseira, (portuguesas) Maçanico, (nordestina), Chote de quatro passi, (italiana), Chote de duas damas, (alemã), Tatu, (espanhola); Pau de fita, (dança universal).

Ainda ressaltamos as danças de salões, de pares enlaçados, rancheira, chote, havaneira, milonga, bugio, etc.

BUGIO - É um ritmo musical eminentemente gaúcho, rude e nativo, como o próprio animal e altaneiro como o pago riograndense. Nasceu nos braços do grande gaitero Neneca Gomes, nas serras do Mato Grande, 5º Distrito de São Francisco de Assis, de uma gaita de botão de 48 baixos.

HOSPITALIDADE GAÚCHA

É o fermento da convivência social. Um gesto custa tão pouco. Um sorriso não custa nada e faz tanta gente feliz.

O símbolo da hospitalidade gaúcha é o CHIMARRÃO, ou mate-amargo. O gaúcho recebe sua visita com o chimarrão, hábito legado dos índios guaranis.

LENÇO GAÚCHO

Desde o início da colonização do território gaúcho, o lenço vem acompanhando a nossa evolução.

O lenço desceu da cabeça para o pescoço, ainda com as pontas para trás. Sua maior afirmação foi quando adotado politicamente, como designativo de cor partidária. Os companheiros ou inimigos eram conhecidos à distância, pela cor do lenço. Finalmente o lenço gaúcho, nos moldes atuais, atado ao pescoço, solto ao peito, é motivo de orgulho, tremulando ao vento, sendo os lenços vermelho e branco, os mais tradicionais, o preto é sinal de luto e não deve ser usado em ocasiões de festas.

HINO RIOGRANDENSE

Letra: Francisco Pinto da Fontoura

Música: Joaquim José de Mendenha.

Como a aurora precursora
Do farol da divindade,
Foi o vinte de setembro
O precursor da liberdade.

Estribilho:
Mostremos valor, constância,
Nesta ímpia e injusta guerra,
Sirvam nossas façanhas
De modelo a toda terra.

Mas não basta pra ser livre
Ser forte, aguerrido e bravo,
Povo que não tem virtude
Acaba por ser escravo.

Mostremos valor, ...

GUERRA DOS FARRAPOS

Esta guerra, durou de 1835 à 1845 ensanguentou o Rio Grande do Sul por dez anos. Uma luta de irmãos contra irmãos pois ela iniciou como uma revolução, luta dentro do mesmo estado, só virando guerra quando pela programação da república de Piratini, a partir daí sim era uma nação contra outra.

O chefe do movimento foi o Gen Bento Gonçalves da Silva, oficial líder no RS, mais Gomes Jardim, Onofre Pires, José Garibaldi e Anita Garibaldi, Bento Manoel Ribeiro, Davi Canabarro, Joaquim Teixeira Nunes, Domingos José de Almeida, Antonio de Souza Neto, João Manoel de Lima e Silva, todos generais republicanos. Bento Manoel Ribeiro depois passou para os imperiais.

As causas foram várias, desta guerra. Foram políticas, econômicas, sociais, militares e maçônicas.

O Rio Grande do Sul era tido como: “estalagem do império”, onde ninguém pagava nada e tudo levavam, desde o charque, soldados a força, cavalos e gados. Os impostos eram altos e nada faziam no RS. Não tinha nenhuma escola pública, nem estradas nem pontes. Tudo era taxado com impostos altíssimos, como o charque, couro, gado em pé, légua de campo, erva mate. O charque, principal produto, como era taxado com imposto alto, ficava mais caro que o do Uruguai e Argentina e o Rio Grande não conseguia vender.

O aboleteamento e aquisições das forças imperiais, que acampavam nas estâncias, sem nada pagar ou licença para isso, do dono. Ficavam a carnear o gado para churrascos, cavalos e gado levavam, estando em guerra ou paz, era tudo igual, nada pagavam. Viviam de festas, acampados nas estâncias e os donos nada podiam cobrar.

Precisavam de um soldado, simplesmente levavam a força, se morresse, deu azar e por isso ficava. As viúvas ficavam sem nada para sobreviverem. Os soldos dos militares de 2ª classe, como chamavam os nativos do RS, chagava a atrasar até dez anos.

Bento Gonçalves, era maçônico e devido a isso, a maçonaria agiu sempre nos bastidores, nas causas secretas, sem a divisão dos poderes monárquicos, que existe hoje, sempre forte, com o nome de grande lojas. Com a revolução francesa, os maçônicos adaptaram a ordem para os princípios republicanos, na divisão dos três poderes, o Executivo, Legislativo e Judiciário. Muitos liberais eram maçônicos e isso foi decisivo para durante o decênio da guerra e também para a paz de Ponche Verde.

Duque de Caxias, Luiz Alves de Lima e Silva, o pacificador, foi quem deu fim a guerra, fazendo valer o seu conhecimento militar, pondo fim a uma guerra de farrapos, porque nem, mais roupas tinham, por isso esse nome. A paz foi assinada por D. Pedro II, tendo anistiado todos os combatentes que depusessem as armas, assinada também pelo republicano David Canabarro. Bento Gonçalves havia se afastado das negociações, se manifesta por uma carta, que diz: “A paz é indispensável fazer-se, o país altamente reclama, pois infelizmente vítima de nossos desacertos, nada tem a lucrar com os azares da guerra, sendo tudo para mim misterioso, lembro que é uma

das primeiras condições, o pleno esquecimento de todos os atos que individual ou coletivo, tenham praticado os republicanos, durante a luta”, carta essa datada de 22 de fevereiro de 1845.

A paz foi concluída em 28 de fevereiro de 1845, em D. Pedrito, no acampamento Ponche Verde. Nenhum daqueles homens se orgulha de testemunhar o fracasso mas as condições para um exército em estado de miséria, são a prova do respeito que ainda impõem ao império.

O TRATADO QUE POS FIM Á GUERRA DOS FARRAPOS

- 1 - O indivíduo que for pelos republicanos indicado presidente da província, é aprovado pelo governo imperial e passará a presidir o estado.
- 2 - A dívida nacional é paga pelo governo imperial, devendo apresentar-se ao Barão, a relação dos créditos, para ele entregar a pessoa que montar a dívida.
- 3 - Os oficiais republicanos que, por nosso comandante em chefe, forem indicados, passarão a pertencer ao exército do Brasil, no mesmo posto.
- 4 - São livres, e como tais reconhecidos, todos os cativos que serviram na república.
- 5 - As causas civis, não tendo nulidades escandalosas, são válidas, bem como todas as licenças e dispensas eclesiásticas.
- 6 - É garantida a segurança individual, e de propriedade, em toda a sua plenitude.
- 7 - Tendo o Barão, de organizar um corpo de linha, receberá para ele, todos os oficiais dos republicanos, sempre que assim voluntariamente queiram.
- 8 - Nossos prisioneiros de guerra, serão soltos.
- 9 - Não serão reconhecidos em suas patentes, os nossos generais, porém gozam das imunidades dos demais cidadãos.
- 10 - O governo imperial vai tratar definitivamente da linha divisória com o estado oriental, Uruguai.
- 11 - Os soldados da república, relacionados pelos respectivos comandantes, ficam isentos de recrutamentos de 1ª linha.
- 12 - Oficiais e pacas que pertenceram ao exército imperial e se apresentaram ao nosso serviço, serão plenamente garantidos como os demais republicanos.

O Indivíduo indicado pelos republicanos para presidir o estado, foi o Barão Duque de Caxias.

As últimas palavras da guerra dos Farrapos, a ele pertencem. Com elas, sela definitivamente a paz de Ponche Verde. Instado por um capelão militar a comparecer a um te deum, pela vitória de seu exército, fulmina-o com uma frase que ajudaria a cicatrizar todas as feridas.

Convide-me para um Réquiem, pela alma dos mortos e ey comparecerei à missa com todos os meus oficiais. Os que morreram nesta guerra eram todos irmãos.

Pesquisas realizadas nos livros: Guerra dos Farrapos, de Alcy Cheuiche; Agenda Gaúcha; ABC do Tradicionalismo Gaúcho, de Salvador Ferrando Lamberty; Curso de Tradicionalismo Gaúcho, de Antonio Augusto Fagundes.